

Gênesis e Popol Vuh: o papel da mulher nas narrativas de origem

Paloma Cardoso de Oliveira*
Neodir Paulo Travessini**

Resumo: Este artigo visa a propor uma breve reflexão, por meio da comparação/análise, de como ocorre a criação da mulher nas narrativas de origem do livro de *Gênesis* e do *Popol Vuh*, livro do povo Maia-Quiché, buscando entender como essas narrativas influenciaram as práxis humanas de cada cultura: a cosmovisão indígena e a judaico cristã ocidental. Metodologicamente, exploraremos as semelhanças e diferenças relacionadas ao surgimento/nascimento da mulher nas duas narrativas de origem e os possíveis sentidos gerados a partir delas. Atentando-nos às figuras femininas de Ixmucané e Ixquic, do livro de *Popol Vuh*, e a de Eva, dentro da narrativa de *Gênesis*, e a como a sua representação influenciou os discursos e ideologias predominantes na sociedade judaico-cristã. Para isso, optamos pela pesquisa exploratória. Assim, para emergir essa discussão, interdisciplinarmente, traremos à luz os estudos realizados por Mircea Eliade (1972), Joseph Campbell (1997 e 2008), Dora Luz Cobián (1995), Martha Robles (2006), Simone de Beauvoir (1970), Bakhtin (1992), Marilena Chauí (2008), entre outros. A partir disso, realizaremos a leitura comparada das obras a serem analisadas, atentando-nos ao papel da mulher, ocupado, em cada uma das narrativas, embasados na compreensão teórica e metodológica das obras escolhidas.

Palavras-chave: Popol Vuh. Gênesis. Mito de origem. Representação feminina. Ideologia. Discurso.

Gênesis y Popol Vuh: el papel de la mujer em los relatos de origen

Resumen: Este artículo tiene como objetivo proponer una breve reflexión a través de la comparación/análisis de la forma en que se produce la creación de mujeres en las narrativas de origen del libro de *Génesis* y el libro *Popol Vuh*, del pueblo Maya-Quiché, buscando comprender cómo éstas narrativas influyeron en la praxis humana de cada cultura y la cosmovisión indígena y judeocristiana occidental. Metodológicamente, exploraremos las similitudes y diferencias relacionadas con la aparición/nacimiento de mujeres en las dos narrativas de origen y los posibles significados generados a partir de ellas. Prestando atención a las figuras femeninas de Ixmucané e Ixquic, del libro de *Popol Vuh*, y la de Eva dentro de la narrativa del Génesis, y a cómo su representación influyó en los discursos e ideologías prevalentes en la sociedad judeocristiana. Para eso, optamos por la investigación exploratoria. Así, para oportunizar esta discusión interdisciplinaria, sacaremos a la luz los estudios realizados por Mircea Eliade

* Graduanda em Licenciatura em Letras (Língua portuguesa/Língua espanhola) pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT/Câmpus Tangará da Serra). Contato: paloma.cardoso@unemat.br; texto produzido a partir de Trabalho de Conclusão de Curso.

** Orientador. Doutor em educação e professor adjunto do curso de Licenciatura em Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT/Câmpus Tangará da Serra). Contato: neodir@unemat.br

(1972), Joseph Campbell (1997 y 2008), Dora Luz Cobián (1995), Martha Robles (2006), Simone de Beauvoir (1970), Bakhtin (1992), Marilena Chauí (2008), entre otros. A partir de esto, realizaremos la lectura comparativa de las obras a analizar, poniendo atención al papel de la mujer ocupada en cada una de las narraciones, en función de la comprensión teórica y metodológica de las obras elegidas.

Palabras clave: Popol Vuh. Génesis. Mito de origen. Representación femenina. Ideología. Discurso.

Introdução

Gênesis é conhecido como o primeiro livro da Bíblia, que abarca vários livros pertencentes à genealogia judaico-cristã do Velho Mundo, por isso, para começarmos a análise comparativa, apresentaremos um livro que também trata de genealogia, porém de um povo das Américas – o povo Maia-Quiché. O *Popol Vuh*, chamado também de *O Livro do Conselho*, é conhecido como o livro sagrado do povo Maia-Quiché, que contém narrativas de origem e costumes de seu povo. O livro que usamos para a pesquisa foi a sexta edição da editora colombiana Panamericana Editorial (2007)¹. Em seu conteúdo, apresenta um prólogo escrito pelo professor da Universidade Pedagógica Nacional de Colombia, Ernesto Ojeda Suárez, quem nos apresenta o contexto histórico do livro.

Primeiramente, o *Popol Vuh* não passava de histórias orais da região da Guatemala, passadas de geração em geração. Dessa forma, depois da invasão espanhola e do genocídio da civilização Maia, em 1524, alguns descendentes maias tentaram reunir elementos de sua cultura para a posteridade, passando a ser escrito por volta de 1554 e 1558, por um descendente do povo Quiché, que aprendeu a ler e escrever em espanhol após a conquista espanhola. A obra é constituída por duas partes: a criação e as divindades; e a história de um povo. No início do século XVIII, o jovem padre espanhol, Francisco Ximenez, estando no México, numa expedição missionária, entrou em contato com o texto escrito pelo jovem Quiché e realizou a transcrição do texto.

Em 1861, o abade francês Brasseur de Bourbourg, publicou *O Popol Vuh, o livro sagrado e os mitos da antiguidade americana*. A obra foi baseada em

¹ Disponível em: <https://bibliotecas.unal.edu.co/>, para download no site da Universidad Nacional de Colombia

grande parte na versão espanhola do texto de Ximenez. Com isso, tudo que foi publicado depois se apoia nos escritos e interpretações de Brasseur de Bourbourg. A tradução de Ximenez perdeu-se, após sua morte, que ocorreu em 1730, e acabou num mosteiro da Guatemala, sendo reencontrada em 1941. Esse manuscrito foi recuperado por Adrián Recinos, que trabalhava no departamento de cultura da Guatemala nos Estados Unidos, que o descobriu na Biblioteca de Newberry, em Chicago. Sua tradução foi publicada em 1947, intitulada *Popol Vuh, as histórias antigas do quiché*. O escritor Wolfgang Cordan (pseudônimo de H. W. Horn), interessou-se apaixonadamente pela cultura maia, conseguindo traduzir e comentar o *Popol Vuh* a partir da língua original dos maias, o quiché. Esta tradução foi publicada em 1977.

Como o que compõem o *Popol Vuh* são narrativas de origem e de cunho histórico, é possível considerá-las mitos, pois narram acontecimentos passados de um povo, que buscam, geralmente, explicar a origem do mundo ou de algo. Para esclarecimento, é necessário abordarmos o conceito de mito, que possui sua origem etimológica no período da Grécia Antiga e significa narrativa contada. Segundo Barthes, em *Mitologias* (2001, p.131), o mito não é uma fala qualquer, é preciso que se tenha condições especiais, favoráveis para que a linguagem se torne mito. Assim

[...] Mas o que se deve estabelecer solidamente desde o início é que o mito é um sistema de comunicação, é uma mensagem. Eis por que não poderia ser um objeto, um conceito, ou uma ideia: ele é um modo de significação, uma forma. [...] a mitologia só pode ter um fundamento histórico, visto que o mito é uma fala escolhida pela história: não poderia de modo algum surgir da 'natureza' das coisas. [...] (BARTHES, 2011, p.131-132)

Dessa forma, como o autor afirma, toda matéria pode ser transformada em mito por um discurso que a invista de um uso social.

Portanto, tendo em vista que as duas narrativas de origem, *Gênesis* e *Popol Vuh* se inserem em uma narrativa mitológica, pois apresentam mitos com uma explicação sobre a criação dos dois povos - os judaico-cristãos e os maias-quiché -, e as figuras que estão ali representadas, seja Deus, deuses (as), semideuses (as), homens e mulheres serviram como modelo de comportamento e “gatilho” para incremento de instituições político-sociais dessas comunidades em constante construção e auto reconhecimento.

Nesse sentido, este artigo busca refletir sobre quais sentidos as representações das mulheres nas narrativas de origem supracitadas podem suscitar na cosmovisão de cada cultura. Para isso, partimos da análise de Eva do livro bíblico e da deusa Ixmucané e da semideusa Ixquic do livro Maia. De acordo com Cobián (1995):

[...] Tais estudos, além do Popol Vuh, em sua maioria, não dão conta da participação das mulheres na atividade social pública e, quando se referem a ela, servem apenas para destacar aspectos negativos, reais ou imaginários de sua atuação. É o caso dos estudos sobre Doña Marina la Malinche conhecida como traidora, por excelência, de sua raça. [...] (COBIÁN, p. 73, 1995, tradução nossa).²

De acordo com o trecho acima, é notória a escassez de estudos que priorizem os lugares ocupados por figuras femininas nas narrativas de origem, especificamente, tanto do livro *Popol Vuh* quanto da narrativa em *Gênesis*. Deste modo, a falta de estudos que explorem essa perspectiva tem como resultado o pouco conhecimento sobre a cultura influenciada por estas narrações, gerando consequências negativas, não somente no campo científico, mas também no campo social, no que se refere aos lugares sociais impostos a cada gênero, assim como nas relações interpessoais que se desenvolvem entre homens e mulheres, insensíveis ao papel feminino na gênese da criação humana.

É evidente, na maior parte das vezes, que a representatividade da divindade sempre se dá a partir de uma figura masculina, o pai como criador, nesse sentido, Campbell (2008, p.24) corrobora: “[...] Ao se defrontar com uma mitologia em que a metáfora para o mistério é o pai, você terá um conjunto de sinais diferente do que teria se a metáfora para a sabedoria e o mistério do mundo fosse mãe. [...]”. Deste modo, nos perguntamos como seriam as metáforas, os rituais, se as relações pessoais partissem de um modelo de divindade feminina?

O nosso questionamento parte do pressuposto de que a forma como a mulher foi representada em cada narrativa de origem influenciou na cosmovisão de sua cultura e determinou suas relações sociais. Em especial, no caso da

² [...] Tales estudios, allende el Popol Vuh, en su mayoría, no dan cuenta de la participación de la mujer en la actividad social pública y, cuando llegan a referirse a ella, es sólo para hacer notar aspectos negativos, reales o imaginarios de su actuación. Tal es el caso de los estudios sobre Doña Marina la Malinche conocida como traidora, por excelencia, de su raza. [...]. (COBIÁN, p. 73, 1995).

narrativa do *Gênesis*, entendemos que serviu como base e corroborou para a construção do patriarcalismo nas sociedades conduzidas por essa narrativa, determinando os papéis sociais de homem e da mulher, a partir do que é narrado no texto bíblico. No entanto, na obra *Popol Vuh*, há outra construção narrativa e, por conseguinte, haveria outra construção da figura da mulher.

Ainda assim, não podemos falar de uma existência concreta de uma sociedade que não seja patriarcal, porque não há uma sociedade no momento que seja regida pela narrativa *Popol Vuh*. Só é possível, portanto, observar os sinais de figuras femininas e os possíveis papéis que as mulheres poderiam assumir sob a preponderância desse mito. E sob essa possível realidade alternativa da influência feminina, a partir do livro Maia, é que apresentaremos, no próximo tópico, o arcabouço teórico que contribuiu para este estudo.

As representações femininas: *Gênesis* e *Popol Vuh*

Neste tópico, abordaremos como será organizada a análise posterior. Nesta pesquisa, buscamos a metodologia que mais se adequaria ao nosso objetivo. Para tal, teria que suprir a necessidade do tipo de estudo em desenvolvimento. Assim, tendo em mente os objetos de estudo, os livros de *Gênesis* e *Popol Vuh*, e o referencial teórico levantado, optamos pela pesquisa exploratória, de caráter interdisciplinar, apoiados na definição realizada por Antonio Carlos Gil (2002), que diz que:

[...] Estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de idéias (*sic*) ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado. Na maioria dos casos, essas pesquisas envolvem: (a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e (c) análise de exemplos que 'estimulem a compreensão' [...] (SELLTIZ et. al. apud GIL, 2002, p.41).

A partir dessa metodologia elegida, realizaremos a leitura crítica das obras a serem analisadas, atentando-nos ao papel ocupado pela mulher em cada uma das narrativas, embasados na compreensão teórica e metodológica das obras escolhidas.

Ao analisarmos como são representados os papéis femininos dentro das narrativas dos livros *Gênesis e Popol Vuh*, refletiremos como os mitos e os arquétipos humanos por eles produzidos, principalmente da figura feminina, são reproduzidos até hoje. E para isso, utilizaremos o conceito de mito, narrativas de origem e de ideologia. E para abordar as representações femininas presentes nas duas narrativas, traremos à tona o conceito de dialogismo, defendido por Mikhail Bakhtin (1895-1975), para analisarmos os sentidos provocados e repassados ao longo do tempo, a partir dessas representações.

Segundo Bakhtin (1992), o fundamento de toda a linguagem é o dialogismo, assim como, a linguagem literária. Dessa forma, ao considerar a vida dialógica por natureza, ele postula que viver significa participar de um diálogo. Nesse sentido, tudo o que nos diz respeito viria do mundo exterior por meio da palavra do outro. Destarte, pode-se considerar que todo enunciado seria apenas um elo de uma cadeia infinita de enunciados, no qual opiniões e visões de mundo se convergem. Por isso,

O diálogo das linguagens não é somente o diálogo das forças sociais na estática de suas coexistências, mas é também o diálogo dos tempos, das épocas, dos dias, daquilo que morre, vive, nasce: aqui a coexistência e a evolução se fundem conjuntamente na unidade concreta e indissolúvel de uma diversidade contraditória e de linguagens diversas. (BAKHTIN, 1992, p. 161)

Dessa maneira, analisaremos a forma como as figuras femininas são representadas nesses mitos de origem, no intuito de indicar que se as práticas humanas e sociais se fundam também pela força das linguagens em diálogo. Então, a narrativa *Popol Vuh* e o livro de *Gênesis* poderiam, enquanto narrativas de linguagens, dar luz a papéis sociais distintos à mulher e aos homens.

Como já supracitado, para esta análise, consideraremos os textos literários (*Popol Vuh* e *Gênesis*) e suas narrativas de representação do feminino, como parte de uma linguagem, literária, interdisciplinar que, por sua vez, é perpassada pelas dimensões política, social, antropológica, filosófica e cultural, já que, “[...] O texto, portanto, situa-se na história e na sociedade. Estas, por sua vez, também constituem textos que o escritor lê e nas quais se insere ao reescrevê-las. [...]” (NITRINI, 1997, p.159). Assim, como define Francelino (2005) na perspectiva bakhtiniana, a palavra está sempre relacionada com o que já foi dito e com o que

ainda há de vir. Dito isso, podemos estabelecer relações entre o que está descrito nas narrativas de origem ligadas as representações femininas com o que ainda hoje se considera sobre a mulher.

As representações femininas: a primeira mulher

Neste tópico, faremos uma breve análise das figuras femininas elencadas nos mitos em discussão. As personagens escolhidas para análise surgem, nas narrativas de origem em questão, de formas e em posições bem diferentes, com poucas condições que se assemelhem, já que se inserem em narrativas cosmológicas diferentes. O *Popol Vuh*, que possui uma organização bem diferente de *Gênesis*, apresenta em sua narrativa a presença de divindades femininas, Ixquic (como semi-deusa e princesa de Xibalbá) e Ixmucané (deidade anciã e adivinha dos deuses), que possuem papéis importantes nessa criação.

Como já é sabido, em *Gênesis* (2:21,22,23), Eva, a primeira mulher criada, é representada em um papel secundário e subalterno ao homem, sendo criada a partir dele, sendo transformada em pecadora por desobedecer às ordens de Deus, provando do fruto proibido e, por conseguinte, causando a expulsão do ser humano do Jardim do Éden.

Segundo o livro maia-quiché, o *Popol Vuh*, Ixquic, semi-deusa, filha de um dos senhores do inferno (Xibalbá), engravida com a saliva de Hun-Hunaphú e de Vucub-Hunaphú, que lhe concebe sua baba, sabendo que aquilo podia gerar sua descendência, como vemos no excerto a seguir:

[...]— Por que eu não deveria ir ver essa árvore? Exclamou a jovem. Certamente devem ser saborosos os frutos que ouço falar. Em seguida partiu sozinha e chegou ao pé da árvore que estava plantada em Pucbal-Chah. Ah!, exclamou, que frutos produz essa árvore? Não é admirável ver como está coberta de frutos? Irei morrer, me perderei se corto um deles?, disse a donzela. (ANÔNIMO, 1997, p.63, tradução nossa).³

³ No original: [...] — ¿Por qué no he de ir a ver ese árbol que cuentan? Exclamó la joven. Ciertamente deben ser sabrosos los frutos de que oigo hablar. A continuación se puso en camino ella sola y llegó al pie del árbol que estaba sembrado en Pucbal-Chah. ¡Ah!, exclamó, ¿Qué frutos son los que produce este árbol? ¿No es admirable ver cómo se ha cubierto de frutos? ¿Me he de morir, me perderé si corto uno de ellos?, dijo la doncella. (ANÔNIMO, 1997, p.63).

Ao ouvir as histórias sobre a misteriosa árvore, a jovem fica curiosa em conhecer e provar seus frutos e a proibição apenas aumenta a sua curiosidade e desejo em conhecer aquela árvore.

Falou então a caveira que estava entre os ramos da árvore e disse:
— O que você quer? Estes objetos redondos que cobrem os ramos da árvore não são mais que caveiras. Assim disse a cabeça de Hun-Hunaphú se dirigindo à jovem. Por acaso você os deseja?, agregou.

— Sim, os desejo, respondeu a donzela.

— Muito bem, disse a caveira. Estenda para cá sua mão direita.

— Bem, replicou a jovem, e levantando sua mão direita, a estendeu em direção à caveira. [...]. (ANÔNIMO, 1997, p.64-65, tradução nossa).⁴

Quando é questionada por Hun-Hunaphú se é realmente o que deseja, a jovem confirma sem recuar, seguindo o seu desejo, sem hesitar o seu instinto e as pretensões do deus.

[...] Nesse instante a caveira cuspiu e a saliva caiu diretamente na mão da donzela. Esta olhou rapidamente e com atenção a palma da mão, mas a saliva da caveira já não estava em sua mão.

— Em minha saliva e minha baba te dei a minha descendência (disse a voz na árvore). Agora minha cabeça já não tem nada em cima, não é mais que uma cavira sem carne. Assim é a cabeça dos grandes príncipes, a carne é o único que lhes dá uma bela aparência. E, quando morrem, espantam-se os homens por causa dos ossos. Assim é também a natureza dos filhos, que são como a saliva e a baba, já sendo filhos de um Senhor, de um homem sábio ou de um orador. Sua condição não se perde quando se vão, mas se herda; não se extingue nem desaparece a imagem do Senhor, do homem sábio ou do orador, porém a deixam para as suas filhas e para os seus filhos que engendrem. Isto mesmo eu fiz com você. Sobe, pois, à superfície da terra, que você não morrerá. Confia em minha palavra que assim será, disse a cabeça de Hun-Hunaphú e de Vucub-Hunaphú [...] (ANÔNIMO, 1997, p.64-65, tradução nossa)⁵

⁴ No original: [...] Habló entonces la calavera que estaba entre las ramas del árbol y dijo: — ¿Qué es lo que quieres? Estos objetos redondos que cubren las ramas del árbol no son más que calaveras. Así dijo la cabeza de Hun-Hunaphú dirigiéndose a la joven. ¿Por ventura los deseas?, agregó.

— Sí los deseos, contestó la doncella.

— Muy bien, dijo la calavera. Extiende hacia acá tu mano derecha.

— Bien, replicó la joven, y levantando su mano derecha, la extendió en dirección a la calavera. [...] (ANÔNIMO, 1997, p.64-65)

⁵ Original: [...] En ese instante la calavera lanzó un chisquete de saliva que fue caer directamente en la palma de la mano de la doncella. Miróse ésta rápidamente y con atención la palma de la mano, pero la saliva de la calavera ya no estaba en su mano.

— En mi saliva y mi baba te he dado mi descendencia (dijo la voz en el árbol). Ahora mi cabeza ya no tiene nada encima, no es más que una calavera despojada de la carne. Así es la cabeza de los grandes príncipes, la carne es lo único que les da una hermosa apariencia. Y cuándo mueren espántanse los hombres a causa de los huesos. Así es también la naturaleza de los hijos, que son

Como vemos no excerto acima, a jovem Ixquic guiada pela sua curiosidade sobre a famosa árvore e determinada a provar de seu fruto, vai até o local, Pucbal-Chah, onde a árvore foi plantada e lá encontra as caveiras de Hun-Hunaphú y de Vucub-Hunaphú, e a consequência disso é a gravidez dos gêmeos Hunahpú e Ixbalanqué, que, após seus feitos se tornam os deuses, denominados o Sol e a Lua. Dessa forma, podemos destacar que, nessa narrativa, a figura feminina tem desejos, sendo que eles não são reprovados e ela é a responsável pela manutenção da descendência e não pelo pecado. Essa narrativa confere, assim, uma importância destacável à mulher, não a apresenta como portadora de desejos transgressores.

[...] Voltou-se, em seguida, em direção à sua casa a donzela depois que lhe foram feitas todas estas advertências, tendo concebido imediatamente os filhos em seu ventre pela virtude única da saliva. E, assim, foram engendrados Hunahpú e Ixbalanqué. [...]. (ANÔNIMO, 1997, p.65, tradução nossa).⁶

Na história de Ixquic, vemos a mesma figura/simbologia da árvore que temos na narrativa judaico-cristã. No entanto, na história maia, a curiosidade pelo fruto da árvore da jovem não é tolhida. Ela conhece a árvore e não há nenhum impedimento a isso, ela não tem medo e vai ao encontro do seu destino. Isso diverge de *Gênesis*, em que, mesmo após inúmeras advertências, Eva, influenciada pela serpente, prova do “fruto proibido”:

Ora, a serpente era o mais astuto de todos os animais selvagens que o Senhor Deus tinha feito. E ela perguntou à mulher: “Foi isto mesmo que Deus disse: ‘Não comam de nenhum fruto das árvores do jardim?’” Respondeu a mulher à serpente: “Podemos comer do fruto das árvores do jardim, mas Deus disse: ‘Não comam do fruto da árvore que está no meio do jardim, nem toquem nele; do contrário vocês morrerão’”. Disse a serpente à mulher: “Certamente não morrerão! Deus sabe que, no dia em que dele comerem, seus olhos se abrirão, e vocês, como Deus[a],

como la saliva y la baba, ya sean hijos de un Señor, de un hombre sabio e de un orador. Su condición no se pierde cuando se van, sino se hereda; no se extingue ni desaparece la imagen del Señor, del hombre sabio o del orador, sino que la dejan a sus hijas y a los hijos que engendran. Esto mismo he hecho yo contigo. Sube, pues a la superficie de la tierra, que no morirás. Despalabra que así será, dijo la cabeza de Hun-Hunaphú y de Vucub-Hunaphú. [...] (ANÔNIMO, 1997, p.64-65).

⁶ Original: [...] Volvióse en seguida a su casa la doncella después que le fueron hechas todas estas advertencias, habiendo concebido inmediatamente los hijos en su vientre por la sola virtud de la saliva. Y así fueron engendrados Hunahpú e Ixbalanqué. [...] (ANÔNIMO, 1997, p.65).

serão conhecedores do bem e do mal”. Quando a mulher viu que a árvore parecia agradável ao paladar, era atraente aos olhos e, além disso, desejável para dela se obter discernimento, tomou do seu fruto, comeu-o e o deu a seu marido, que comeu também. (BÍBLIA, Gênesis, 3:1-6)

Assim, “convence” Adão a fazer o mesmo e, por isso, sofre severa punição:

[...] E à mulher disse: Multiplicarei grandemente a dor da tua concepção; em dor darás à luz filhos; e o teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará. E ao homem disse: Porquanto deste ouvido à voz de tua mulher, e comeste da árvore de que te ordenei dizendo: Não comerás dela; maldita é a terra por tua causa; em fadiga comerás dela todos os dias da tua vida. Ela te produzirá espinhos e abrolhos; e comerás das ervas do campo. Do suor do teu corpo comerás o teu pão, até que tornes à terra, porque dela foste tomado; porquanto és pó, e ao pó retornarás. [...] (BÍBLIA, Gênesis, 3:16-19).

Com isso, de acordo com o discurso que está na Bíblia, a mulher passa a ser pecadora e condenada, preceito esse que o Cristianismo atribuiu às características femininas, contribuindo para a construção da figura da mulher na cultura ocidental.

[...]Ensinaram-nos que a Expulsão do paraíso é uma alegoria da punição de Deus ao homem – e particularmente à mulher – pelo pecado de desobedecer às ordens de Jeová de não comer o fruto da árvore do conhecimento. [...] (CAMPBELL et. al., 1997, p.21-22).

A mulher é punida pela busca do seu próprio conhecimento e resulta em castigo divinal e modelo para todas as mulheres posteriores, que se aventuram a desobedecer as ordens, sendo essas impostas por homens, considerados superiores por terem sido feitos à imagem e semelhança de Deus. Contudo, a condição da mulher na narrativa cristã é a de um ser transgressor e amaldiçoado (maldita). Se assim Deus tratou e definiu a mulher, para estar alinhado a Ele, assim o homem deve olhá-la e considerá-la.

Em *Popol Vuh*, após sair de Pucbal-Chuh, Ixquic volta para casa. Com o passar do tempo, não consegue mais esconder a gravidez. Ao descobri-la, seu pai a expulsa e ordena que a matem. Diante da revelação da gravidez, a moça decide ir para a terra, como as caveiras da árvore haviam aconselhado. Na terra, a jovem vai até a casa de Ixmucané, que, por consequência, seria sua sogra. “[...] E sem dúvida, é verdade que sou vossa nora; faz tempo que sou. Pertencço a Hun-

Hunahpú. [...]” (ANÔNIMO, 1997, p.69)⁷. Provando que era sua nora, Ixquic foi bem recebida por Ixmucané, que também possui importante papel na narrativa de origem maia.

Ixmucané é interpretada como divindade adivinha e guia espiritual maia. Além de ser avó dos deuses Hunahpú e Ixbalque, os deuses do Sol e da Lua. Um de seus feitos foi participar da criação do homem. Após duas tentativas fracassadas de criação do homem, os deuses resolveram consultar Ixpiyacoc e Ixmucané, “[...] aqueles adivinhos, a avó do dia, a avó da aurora, que assim eram chamados pelo Criador e pelo Formador [...]” (ANÔNIMO, 1997, p.20)⁸. E assim foi, Huracán, Tepeu e Gucumatz lhes ordenaram que buscassem um meio de criar o ser humano: “[...]— Terão que se reunir e encontrar os meios para que o homem que formemos, o homem que criaremos nos sustente e alimente, nos invoque e se lembre de nós. [...]. (ANÔNIMO, 1997, p.20-21)⁹.

Dessa forma, Ixpiyacoc e Ixmucané procuraram uma forma de conseguirem criar o homem e de qual produto poderiam fazê-lo:

[...] E assim encontraram a comida e esta foi a que entrou na carne do homem criado, do homem formado. Assim entrou o milho na formação do homem por obra dos Progenitores. [...]. (ANÔNIMO, 1997, p. 126, tradução nossa)¹⁰

Depois houve a criação da mulher:

[...] Então existiram também suas esposas e foram feitas suas mulheres. Deus mesmo as fez cuidadosamente. E assim, durante o sono, chegaram verdadeiramente bonita, suas mulheres, ao lado de Balam-Quitze, Balam-Acab, Mahucutah e Iqui-Balam. [...] (ANÔNIMO, 1997, p.132, tradução nossa)¹¹

⁷ Original: “[...] — Y sin embargo, es la verdad que soy vuestra nuera; ha tiempo que lo soy. Pertenezco a Hun-Hunahpú. [...]” (ANÔNIMO, 1997, p. 69)

⁸ Original: “[...] aquellos adivinos, la abuela del día, la abuela del alba, que así eran llamados por el Creador y por el Formador [...]” (ANÔNIMO, 1997, p.20)

⁹ Original: “— Hay que reunirse y encontrar los medios para que el hombre que formemos, el hombre que vamos a crear nos sostenga y alimente, nos invoque y se acuerde de nosotros. [...]”. (ANÔNIMO, 1997, p.20-21).

¹⁰ Original: “[...] Y así encontraron la comida y ésta fue la que entró en la carne del hombre creado, del hombre formado; ésta fue su sangre, de ésta se hizo la sangre del hombre. Así entró el maíz en la formación del hombre por obra de los Progenitores. [...] (ANÔNIMO, 1997, p. 126)

¹¹ Original: “[...] Entonces existieron también sus esposas y fueron hechas sus mujeres. Dios mismo las hizo cuidadosamente. Y así, durante el sueño, llegaron, verdaderamente hermosas, sus mujeres, al lado de Balam-Quitze, Balam-Acab, Mahucutah e Iqui-Balam. [...] (ANÔNIMO, 1997, p.132).

Primeiramente, foi criado o homem, feitos somente e unicamente de milho. A criação da mulher foi posterior à do homem na narrativa maia, no entanto, foi criada da mesma forma que o homem, com mesmo material e cuidado. Diferentemente de *Gênesis*, a criação da mulher não é apresentada como inferior à do homem, tendo em vista que, na narrativa judaico-cristã, a criação da mulher se dá a partir da costela de Adão (homem), como podemos ver no trecho a seguir:

[...] Então o Senhor Deus fez com que o homem caísse num sono profundo. Enquanto ele dormia, Deus tirou uma das suas costelas e fechou a carne naquele lugar. Dessa costela o Senhor formou uma mulher e a levou ao homem. Então o homem disse: ‘Agora sim! Esta é a carne da minha carne e osso dos meus ossos. Ela será chamada de ‘mulher’ porque Deus a tirou do homem.’[...]” (BÍBLIA, Gênesis 2:21-23)

Na narrativa bíblica a mulher é parte do homem, não tem autonomia. Na narrativa maia não há essa relação de interdependência, pois os Deuses a criaram com o mesmo material do homem, sendo tão independente, em sua constituição, como o homem. Não é parte da constituição masculina, é feita, equivalentemente, da mesma substância. No entanto, o homem, em *Gênesis*, é o único feito a imagem e semelhança de Deus:

[...] não havia ainda nenhuma planta do campo na terra, pois nenhuma erva do campo tinha ainda brotado; porque o senhor não tinha feito chover sobre a terra, nem havia homem para lavrar a terra. Um vapor, porém, subia da terra, e regava toda a face da terra. E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra, e soprou-lhe nas narinas o fôlego da vida; o homem tornou-se alma vivente [...] (BÍBLIA, Gênesis, 2:5-7).

A mulher foi criada a partir do homem, feita para ele, dada como presente, para que lhe fizesse companhia, lhe obedecesse e fosse dominada pelo homem, assim como, todas as outras criaturas existentes na face da terra.

A simbologia da mulher feita de uma costela de Adão acarretou vários significados, ligados não somente a uma “inferioridade” feminina, mas sim à falta de autonomia, à dependência, a uma correlação da sua existência dependente do homem, como sendo o “outro” em relação ao homem, como diz Beauvoir (1970), o que leva à perda de identidade pessoal e social.

A partir desse discurso, repassado pelas religiões judaico-cristãs, basearam-se as relações entre homens e mulheres, discursos que carregam a ideologia da superioridade masculina, machistas, que mesmo realocados, permanecem até os dias atuais. Desse modo, a maneira como as relações sociais foram estabelecidas desde as sociedades primitivas, assim como o apagamento de divindades femininas, é legitimada pela existência de um Deus único e masculino, que criou o homem à sua imagem e semelhança, e que estabeleceu a base da sociedade indo-europeia e judaico-cristã e de todas as instituições e relações sociais existentes até hoje, ainda mantidas por meio da ideologia predominante da inferioridade feminina.

De acordo com Marilena Chauí, podemos definir ideologia como:

[...] um conjunto lógico, sistemático e coerente de representações (ideias e valores) e de normas ou regras (de conduta) que indicam e prescrevem aos membros da sociedade o que devem pensar e como devem pensar, o que devem valorizar e como devem valorizar, o que devem sentir e como devem sentir, o que devem fazer e como devem fazer. Ela é, portanto, um corpo explicativo (representações) e prático (normas, regras, preceitos) de caráter prescritivo, normativo, regulador [...] (CHAUÍ, 2008, p.108)

Assim, como sujeitos vivendo em sociedade, nossas ações são interpeladas pelos discursos existentes e esses discursos carregam consigo uma ideologia predominante, que, ainda hoje, perpassa e dita as decisões sobre vidas e corpos femininos. Eles são considerados uma extensão do corpo masculino e todas as ações sobre seu corpo devem passar pelo crível, pela aceitação da sociedade patriarcal. Os corpos das mulheres não são delas por completo, já que foram feitos a partir da costela de Adão (o primeiro homem), não estão sobre seu domínio, seu comando, pois, todas as suas atitudes precisam, primeiramente, ser aprovadas e consideradas aceitáveis por eles.

Considerações finais: possíveis futuras representações femininas

Com o que foi dito anteriormente, podemos afirmar que o discurso contido no livro de Gênesis - que por sua vez é tido como explicação para a origem do mundo na cultura judaico-cristã – contribuiu para a regulação das relações humanas entre homens e mulheres existentes na sociedade ocidental do tempo presente. Sobre isso, Campbell *et. al.* (1997) afirma que:

[...] Isso, por sua vez, leva uma questão importante que, uma vez articulada, pode parecer óbvia. A maneira como uma sociedade estrutura as relações humanas mais fundamentais – a relação entre as metades feminina e masculina da humanidade, sem as quais a nossa espécie não poderia sobreviver – tem grandes implicações para a totalidade de um sistema social.

Afeta nitidamente os papéis individuais e as opções de vida tanto de mulheres como de homens [...] (CAMPBELL *et. al.*, 1997, p. 19).

Portanto, pode-se afirmar que esse conjunto de ideias, no caso de que a mulher é inferior ao homem, que se perpetuou por meio de textos como *Gênesis*, carregam uma ideologia. No que diz respeito a isso, Pêcheux (1995, p. 144) fala que “[...] as ideologias não são feitas de ‘ideias’, mas de práticas”. Nesse aspecto, consideramos que as práticas sociais são influenciadas pela ideologia. Em consonância, Orlandi (1997, p. 44) nos afirma que a ideologia “[...] é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos”.

Sendo assim, todas as ações e relações dos sujeitos em sociedade são guiadas pelas ideologias predominantes, como os discursos de que a mulher foi feita a partir do homem, a ideia de que a mulher é inferior, sendo criação de segunda ordem – não é a primeira, nem tem material próprio, seu material advém do homem –, o que não lhe concede uma relação de autonomia em relação ao homem, assim como a ideia de que a mulher é pecadora e perversa por natureza, entre outros. Indo além, Bakhtin afirma que:

[...] Tudo o que me diz respeito, a começar por meu nome, e que penetra em minha consciência, vem-me do mundo exterior, da boca dos outros (da mãe etc.), e me é dado com a entonação, com tom emotivo dos valores deles. Tomo consciência de mim, originalmente, através dos outros: deles recebo a palavra, a forma e o tom que servirão para a formação original da representação que terei de mim mesmo. [...] (1992, p.378).

Portanto, os discursos existem antes das ações, conhecemos primeiro os discursos, que por sua vez, vão guiar nossas ações. Sendo assim, para modificação das ações e relações existentes na sociedade, as mudanças devem começar pelos discursos existentes, posto que somos influenciados por eles. Para isso, é necessário refletir de maneira crítica os discursos que estão postos, para que as mudanças ocorram, a mudança dos discursos correntes por novos discursos, por outros discursos que circulem, que disputem espaço na arena dos discursos que constituem o eu, de forma que não inferiorizem as mulheres.

Deste modo, diante dos discursos existentes, influenciados pelo mito de origem cristão, refletimos que é de extrema importância buscar conhecer outras histórias, outros discursos, de outras matrizes que não sejam judaico-cristãs, no que tange ao mito de criação, que abordem outro tipo de relações sociais entre homens e mulheres.

Referências

ANÔNIMO. Popol Vuh: **Las antiguas historias del Quiché de Guatemala**. 6^a ed. — Santafé de Bogotá: Panamericana Editorial, 1997. Disponível em: <https://bibliotecas.unal.edu.co/>. Acesso em 13 de abr de 2018.

BARTHES, Roland. **Mitologias**. 11^a edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BAKHTIN, M; VOLOCHINOV, V.N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Michel Lauch e Iara Frateschi Vieira. 6.ed. São Paulo: Editora HURITEC 1992.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. São Paulo, Difusão Européia do livro, 1970.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo, Pensamento, 1997.

CAMPBELL, Joseph. **Todos os nomes da Deusa**. Joseph Campbell et. al., tradução de Beatriz Pena — Rio de Janeiro: Record: Rosa dos tempos, 1997.

CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia?** 2ed. — São Paulo: Brasiliense, 2008.

COBIÁN, Dora Luz. El papel de la mujer en la historia Maya-Quiche, Según El Popol Vuh. **Revista Chilena de literatura**, N. 47, 1995.

FRANCELINO, Pedro Farias. Dialogismo e construção de sentido em gêneros discursivos da mídia impressa, in III Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais - Santa Maria/RS, 2005. **Anais**. Santa Maria, 2005.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. - 4. ed. - São Paulo, Atlas, 2002.

NITRINI, Sandra. **Literatura Comparada**. São Paulo: EdUSP, 1997, p.126-182.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 4. ed. Campinas (SP): Editora da UNICAMP, 1997.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. tradução Eni Pulcinelli Orlandi [et al.] - 2.ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.